

S.O.S.

POE

SIA

DIRK VOLLENBROICH
e RENATO REZENDE

S . O . S . POESIA

O projeto S.O.S. *Poesia*, da dupla Dirk Vollenbroich e Renato Rezende, sem alterar em nada a programação interna do MAR – Museu de Arte do Rio ou a estrutura de sua fachada (numa intervenção pública que o curador Paulo Herkenhoff chama de ‘extracúbica’), propõe um uso inusitado, original e poético de sua arquitetura (como já fizeram na cidade do Rio de Janeiro em 2011 com o Projeto MY HEART IN RIO, no Oi Futuro de Ipanema), ampliando seu leque de ação e visibilidade, chamando a atenção de novos públicos e engajando a população noturna do entorno. Se, por um lado, o código Morse é uma linguagem universal relacionada ao mar e às regiões portuárias em todo o mundo, linguagem essa que poeticamente vem aludir à necessidade de comunicação e afeto, a um pedido de socorro; por outro a poesia (e esse fenômeno é notado em todo o mundo, especialmente no Brasil), embora diversificada e potente, tem perdido espaço no debate público cultural, o que é evidenciado pela falta de interesse do mercado editorial em suas produções e pelo míngua espaço que recebe em feiras, festivais e periódicos literários. O projeto S.O.S. *Poesia*, trabalhando em certo registro nostálgico de uma região portuária em pleno processo de modernização, metaforizada pela linguagem do código Morse, potencializa e afirma, de forma sensível, a sobrevivência da poesia e da tradição carioca em formas e linguagens intrínsecas à arte contemporânea. Podendo ao mesmo tempo ser compreendido como um poema em campo ampliado, S.O.S. *Poesia* é um trabalho de arte pública, de fácil e imediata interação com o espectador,

embora exigindo dele um esforço de leitura para além do espetáculo, que promove e atualiza um diálogo entre a arquitetura do século passado e a tecnologia do presente, dando uma dimensão poética, inclusiva e afirmativa às transformações que estão sendo promovidas e vividas pela região do porto do Rio de Janeiro e por todos nós, seus habitantes.

Emitidos em código Morse durante a noite, os poemas selecionados por Renato Rezende são legíveis em *streaming* em tempo real no site do MAR, acessado via QR code e em *delay*, lembrando que todo poema é sempre uma tradução, um desencontro, uma busca e, no limite, um mal-entendido. Um dos elementos do trabalho (como a luz e a arquitetura), os poemas que fazem parte de S.O.S. *Poesia* evidentemente representam apenas uma pequena parte do enorme universo da poesia brasileira contemporânea, e todos os autores estão vivos e habitam o Rio de Janeiro. Os critérios de seleção foram afetivos (amigos que acompanham o poeta desde sua chegada na cidade, como Caio Meira, Cláudio Oliveira e Cláudia Roquette-Pinto), incluindo também veteranos e novíssimos (como Afonso Henriques Neto e Heyk Pimenta), poetas com forte relação com as artes visuais ou formas não convencionais de fazer poesia (Gab Marcondes, André Sheik e Alexandre Sá) e poetas que militam pela poesia e cultura carioca (como Sergio Cohn e Guilherme Zarvos), sendo que muitos preenchem mais de um desses quesitos, e todos representam todos – para ser poeta, basta se emocionar/ somos todos poetas.

The project *S.O.S. Poesia / S.O.S. Poetry*, by Dirk Vollenbroich and Renato Rezende, without changing in any way the programming of MAR – Museu de Arte do Rio or the structure of its façade (in a public intervention that curator Paulo Herkenhoff calls “extracubic”), proposes an unusual, original, and poetic use of architecture (as they have already done in the city of Rio de Janeiro in 2011 with the Project *MY HEART IN RIO*, at Oi Futuro in Ipanema), expanding their range of action and visibility, drawing attention from new audiences and involving the nocturnal population of the region. If, on the one hand, Morse code is a universal language related to the sea and its port regions around the world, a language that alludes to the need for communication and affection, to a cry for help; on the other hand, poetry (a phenomenon which can be verified around the world, especially in Brazil), although diversified and powerful, has lost ground in the cultural public debate, evidenced by lack of interest in its productions by the dwindling editorial market in literary fairs, festivals, and periodicals. *S.O.S. Poetry*, operating in a certain nostalgic note of a port region in the process of modernisation, metaphorised by Morse code language, enhances and claims to an appreciable extent the survival of poetry and the Rio tradition in forms and languages intrinsic to contemporary art. *S.O.S. Poetry* may even be understood as a poem in the expanded field. It is a public art work, of easy and immediate interaction with the spectator though requiring the

effort of reading beyond the spectacle, which promotes and updates a dialogue between the architecture from last century and current technology, bringing a poetic, inclusive, and affirmative dimension to the current transformations experienced by the port region of Rio de Janeiro and by all of us, its inhabitants.

Emitted in Morse code during the night, the poems selected by Renato Rezende can be read in real-time streaming on MAR’s website, accessed via QR code and in delay, remembering that every poem is always a translation, a mismatch, a search and, at its limit, a misunderstanding. One of the elements of the work (like light and architecture), the poems that are part of *S.O.S. Poetry* evidently represent only a small part of the enormous universe of Brazilian contemporary poetry, and all authors live in Rio de Janeiro. The criteria of selection were affective (friends of the poet since his arrival in the city, like Caio Meira, Cláudio Oliveira, and Cláudia Roquette-Pinto), including veterans and emerging poets (like Afonso Henriques Neto and Heyk Pimenta), poets with a strong connection to the visual arts or non-conventional ways of writing poetry (Gab Marcondes, André Sheik, and Alexandre Sá) and poets who are strong defenders of Rio’s poetry and culture (like Sergio Cohn and Guilherme Zarvos), many of whom meet more than one of these criteria, and all represent all of them – to be a poet, it suffices to be moved / we are all poets.

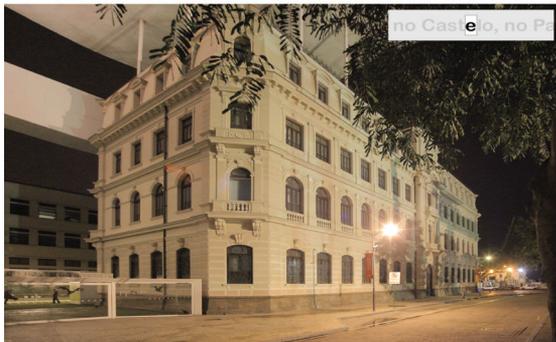
MAR EXTRACÚBICO

MAR EXTRACUBIC

PAULO HERKENHOFF

S.O.S. Poesia inaugura o programa *MAR Extracúbico*, que compreende as experiências e projetos de arte que rejeitam a noção moderna de galeria para exposições como um "cubo branco". Na experiência moderna, os espaços para exposição de arte tenderam a não ter ornamentos e a adotar a ortogonalidade da arquitetura, paredes brancas e iluminação como o espaço ideal para a arte. O crítico Brian O'Doherty lançou o conceito de "cubo branco" a partir de observações sobre o modo de funcionamento dos processos de institucionalização da arte, de sua circulação no mercado e de sua idealização, frequentemente isolando-a dos embates com a realidade.

O *MAR Extracúbico* propõe abrigar experiências e projetos que demandam uma apresentação para além dos limites físicos e institucionais de suas próprias galerias de exposição no formato do "cubo branco", daí o termo *extracúbico*. Entre as questões implicadas no *MAR Extracúbico* estão as dimensões das obras, as relações com seu edifício e modos de explorá-los, com o espaço público (tais como rua, escolas, fábricas, comunidades, edifícios comerciais, empenas etc.) com a dinâmica da cidade e em lugares específicos (*site specific*). Alguns artistas deste programa são Maria Nepomuceno, Solon Ribeiro, Afonso Tostes, o grupo Astrofocus, Lúcia Koch, o costa-riquense Federico Herrero, a americana Kara Walker, o austríaco Erwin Wurm, Georges Adéagbo do Benin, os portugueses Pedro Cabrita Reis, João Louro, e outros. Alguns trabalhos do Grupo EmpreZa e Vhils, já apresentados no MAR, e o projeto *S.O.S.. Poesia*, de Renato Rezende e Dirk Vollenbroich, que apresentam uma ação com a iluminação do pavilhão de exposições, se enquadram no conceito de extracúbico.



S.O.S. *Poesia* inaugurates *MAR Extracúbico* programme, which includes art experiments and projects that reject the modern notion of exhibition gallery as a “white cube.” In modern experience, art exhibition spaces tended not to have ornaments and to adopt architectural orthogonality, white walls, and lighting as an ideal space for art. Critic Brian O’Doherty created the concept of “white cube” based on observation of the modes of operation of the processes of institutionalisation of art, its circulation in the market and its idealisation, often shielding it from clashes with reality.

MAR Extracúbico proposes to present experiences and projects that require a presentation beyond the physical and institutional boundaries of its own exhibition halls in “white-cube” shape, hence the term *extracubic*. Among the issues involved in *MAR Extracúbico* are the dimensions of the works, their relationships with the building and ways to explore them, with the public space (such as the street, factories, communities, commercial buildings, companies etc.), with the dynamics of the city and site specific. Some artists of this programme are Maria Nepomuceno, Solon Ribeiro, Afonso Tostes, the group *Astrofocus*, Lúcia Koch, Costa Rican Federico Herrero, American Kara Walker, Austrian Erwin Wurm, Georges Adéagbo from Benin, the Portuguese Pedro Cabrita Reis and João Louro, among others. Some works of the Group *EmpreZa* and *Vhils* – already presented at *MAR* – and *S.O.S.. Poesia*, by Renato Rezende and Dirk Vollenbroich, who present an intervention on the lighting of the exhibition hall, fall into the concept of *extracubic*.



PARA VER A SIMULAÇÃO VISITE:
www.editoracircuito.com.br/website/projetos

DIANTE DO ATLÂNTICO BEFORE THE ATLANTIC

ROBERTO CORRÊA DOS SANTOS

Toda poesia consiste já em si mesma em uma espécie singular de código Morse: uma mensagem cifrada a transmitir-se com seus recursos específicos. Nada, pois, mais experimentante do que fazer um código (o Poema) dar-se a ver por meio de outro código (o Morse) de semelhante família processual.

Nos dois – Morse / Poema –, pulsos, ondas, sinais: que vibram.

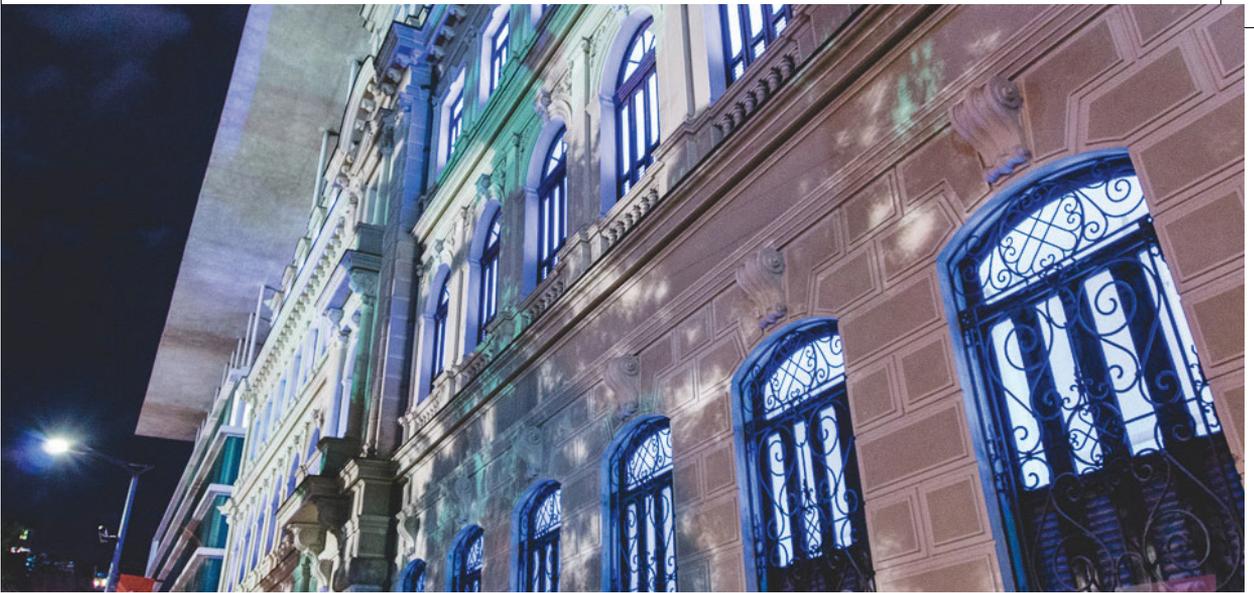
Nos dois – Morse / Poema –, a recepção obriga-se a mover-se conforme lógicas de entendimento que não se atenham tão apenas ao que os códigos querem dizer, mas também, e necessariamente, aos variados modos e traços 'magnéticos' presentes tanto no Morse quanto nas línguas, como um todo, com sua diversas ondulações – ondulações mais e mais largas, frise-se, quando sob as ordens do Poema: o Poema coloca as línguas em estado mais solene, mais agudo, mais intensivo.

Letras, números e sinais de pontuação são, no código Morse, representados com a sequência de *espaços, pontos, traços*, e esses são os termos fortes do efeito de presença da escrita quando em situação artística, quando, pois, em estado de Poema – nome de algo do mundo da letra, mas ainda também nome genérico para designar toda obra que por sua grandeza venha a atingir o estatuto de arte.

Diante do excessivamente atual, os dois códigos – Morse / Poema – recorrem à contemporaneidade dos arcaísmos; ambos – Morse / Poema – poetizam e serenizam a tantas vezes extremada ansiedade do agora. Morse e Poema operam com o ritmo da intermitência: intervalos, modulações, silêncios; pois foi levando em conta tal parentesco poético de linguagens graficamente cifradas que os artistas Dirk Vollenbroich e Renato Rezende construíram uma obra plenamente óptica, com fins de levar a distâncias e aos foras do MAR (o fora, parte do Museu) a homenagem à cidade do Rio de Janeiro, e isso em forma de oferta visual de novos ventos e saudações à vida com mais Poiesis: para os que chegam, os que estão, os que vêm, os que partem.

POESIA: S.O.S. – um socorro lírico: um gesto fraterno de amparo: um aceno afetivo.

A Poesia de artistas, na forma Morse, estende-se: e ilumina seus signos de luz ali, no Prédio, diante do Atlântico: expande-se: desempenha, em obra concretíssima, sua generosa sabedoria plural.



Every poem is in itself a unique kind of Morse code: an encrypted message transmitted through its specific means. Therefore, nothing is more experimental than making a code (the Poem) reveal itself through another code (Morse) from a similar procedural family.

In both – Morse / Poem –, pulsations, waves, signals: that vibrate.

In both – Morse / Poem –, reception forces us to move according to logics of understanding that are not limited only to what the codes mean, but also, and necessarily, to the various modes and 'magnetic' traces present both in the Morse code and in languages, as a whole, with their many undulations – wider and wider undulations, it must be emphasized, when following the orders of the Poem: the Poem takes languages into a more solemn, sharper, and intense state.

Letters, numbers, and punctuation marks are, in Morse code, represented by the sequence of *spaces*, *dots*, and *dashes*, and these are the strong terms of the effect of the presence of writing in an artistic context, when in the form of a Poem – the name of something from the world of letters, but also the generic name for

every work that, in its grandeur, eventually achieves the status of art.

In the face of the excessively immediate, both codes – Morse / Poem – resort to the contemporariness of archaisms; both – Morse / Poem – poeticise and quiet down the often extreme anxiety of the here-and-now. Morse and Poem operate with the pace of intermittency: intervals, modulations, silences; it was by taking into consideration such kinship of graphically encrypted languages that artists Dirk Vollenbroich and Renato Rezende created a fully optical work, in order to take away and to the outsides of MAR (the outside, part of the Museum) a tribute to the city of Rio de Janeiro, and this is done in the form of a visual offering of new winds and salutations to a life with more *poiesis*: for those who come, those who are already here, those who see, and those who leave.

POETRY: S.O.S. – a lyrical aid: a fraternal gesture of support: an affective nod.

The Poetry of artists, in Morse code, expands: and illuminates its light signals there, in the Building, before the Atlantic: it expands: it performs, in a very concrete work, its generous plural wisdom.

UM ALFABETO UNIVERSAL?

MARISA FLÓRIDO CESAR



São versos que fulgem nas janelas de um dos edifícios do MAR, o palacete D. João VI. Poemas de brasileiros em código Morse que falam da cidade que os abriga e os expele: o Rio de Janeiro. Cidade de afetos e violências, de resistências e expropriações vorazes (das memórias e dos lugares, das matas e das gentes, dos convívios e das solidões). Escritos em luz sobre a epiderme do edifício, eles fulguram além das fronteiras do museu: quiçá alcancem as cidades além-mar, os navios estrangeiros que passam ou aportam no cais em frente, com suas línguas estrangeiras, com suas Babéis flutuantes. Tal foi a promessa do telégrafo e de sua escrita a distância, sua *tele-graphia*: criar uma língua universal, traduzida em um código de sinais. A Babel tecnológica, movida ao on/off das ligações elétricas, dissolvia as distâncias do espaço, comprimia o tempo na velocidade da luz, transformava a modalidade da presença – bastavam alguns toques para que a mensagem sobre o aqui chegasse velozmente àquele que não está em imediata proximidade. São telégrafos, essas

máquinas que estão nos primórdios das tecnologias de comunicação a distância e da codificação extrema.

Como então fala o poema por meio de um alfabeto universal? Não seria a poesia justo esse quebrar de códigos, esse assalto à linguagem, escavando-a de silêncios e sopros, de balbucios e suspensões, de rimas e cesuras? A poesia “não vive senão na tensão entre som e sentido”, diria Agamben, na contradição entre os sinais sonoros e gráficos e o sentido semântico. A poesia não vive senão dessa falha, dessa não coincidência. Indeterminável que oscila entre a promessa de uma língua originária, da *arché* da palavra como comunicabilidade universal e inequívoca, e sua fração de silêncio e segredo? Quem convoca o socorro e para quem? A cidade, a arte, a poesia? O cidadão, o artista, o poeta? Entre a Babel e sua queda, S.O.S. *Poesia* nos segreda o óbvio: entre epifanias e vertigens, não há amparo no poema. Não há socorro, talvez apenas o prazer agudo de nele cair.

A UNIVERSAL ALPHABET?



Verses that shine in the windows of one of the buildings of MAR, the Dom João VI Palace. Poems by Brazilian artists in Morse code about the city which both shelters and rejects them: Rio de Janeiro. A city of affection and violence, resistance and voracious expropriation (of memories and places, of forests and peoples, of conviviality and solitude). Writings of light on the building's skin, they fulgurate beyond the boundaries of the museum: perhaps they are able to reach cities overseas, foreign ships passing by or casting anchor at the port in front of it, with their foreign languages, their floating Babels. This was the promise of the telegraph and its distance writing, its *tele-graphy*: to create a universal language, translated into a code of signals. The technological Babel, powered by the on/off of electrical connections, erased distances, compressed time at the speed of light, transformed the modality of presence – a few taps were enough for the message about the here to very quickly reach someone who was not in the immediate vicinity. Telegraphs are machines from the early days of remote

communication and extreme encoding technologies.

How is it then that the poem speaks by means of a universal alphabet? Is not poetry precisely this act of breaking codes, this assault on language, taking away its silences and breaths, babblings and suspensions, rhymes and caesuras? Poetry "lives only in the tension and difference between sound and sense," as Agamben affirmed, in the contradiction between sound and graphic signals and semantic sense. Poetry lives only from this gap, this non-coincidence. Something indeterminable which oscillates between the promise of an original language, the *arche* of words as universal and unequivocal communicability, and its fraction of silence and secret? Who calls for help, and for whom? The city, art, poetry? The citizen, the artist, the poet? Between Babel and its downfall, S.O.S. *Poetry* tells us in secret the obvious: between epiphanies and vertigo, there is no protection in poems. There is no help; perhaps only the intense pleasure of falling into it.



POESIA / DECODIFICAÇÃO

CAIO MEIRA

Para mim, o trabalho S.O.S. *Poesia* é uma prova de que o contemporâneo não se confunde com o atual, de que um poema em código Morse pode ser contemporâneo mesmo usando um modo de expressão arcaico, porque contemporâneo é aquilo que faz o mundo pensar. O que produz inquietação, dúvida, questionamento, problema, descontinuidade, ruptura na normalidade é a sua produção de poesia... Além disso, o trabalho me faz pensar que fazer poesia é codificar a língua, e

para alcançar o que está por trás dessa codificação é necessário um esforço de decodificação... Só lê poesia quem se dedica a decodificá-la, estando ela em Morse ou em palavras escritas. Ou seja, mesmo que o alcance seja menor (para um número menor de pessoas), porque o Morse coloca uma dificuldade para sua decodificação, o próprio Morse pode ajudar a ressaltar que não há poesia sem decodificação, sem alguma decodificação. Então o alcance será mais profundo, mesmo que "menor".

POETRY / DECODING

For me, the work S.O.S. *Poesia* proves that the contemporary cannot be confused with the current, that a Morse code poem can be contemporary even if it uses an archaic mode of expression, because the contemporary is what makes the world think. What produces restlessness, doubt, questioning, problem, discontinuity, disruption of normality, is the production of poetry... Besides, the work makes me think that writing poetry is to codify the language, and in order to reach what is

behind this encoding one needs to make an effort to decode... The only people who read poetry are the ones who engage in decoding it, whether it is in Morse code or written words. That is, even if the reach is narrower (for a smaller number of people), because Morse creates difficulty for its decoding, Morse itself may help emphasize that there is no poetry without decoding, without some form of decoding, then the reach will be deeper, no matter how "narrow."

POEMAS

PASSEIO

Demoro-me
no centro da cidade,
no Castelo, no Passeio.
Demoro-me
no Rio de Janeiro
como se fosse outrora
e se dissesse:
Ele demorava-se no Centro,
a esmo.
Demoro-me como quem quer
ser atropelado
sumir num tropeção
esquecer-se de si mesmo.
Demoro-me como se demoram
os mendigos que moram na rua
e que esperam o dia inteiro
para suas casas serem abandonadas.
Demoro-me como um destituído
cuja única felicidade
o clarão de luz na cara.

RENATO REZENDE

ALMA CORSÁRIA

De tanto sono me baixa uma lucidez estranha
em que a amendoeira pousa, luminosa, rara,
sob o fundo escuro da noite meio baça
(cilíndrica, roliça, bizarra)
seu vulto verde acorocado sobre a água
da piscina que não tem um pensamento.

Eu sinto inveja dessas águas anuladas
tão plácidas, idênticas ao próprio contorno
enquanto eu mesma nem sei onde começo,
quando acabo
e sofro o assédio de tudo o que me toca.

O mundo ora me engole, ora me vara
e tudo o que aproxima me desterra.
Chorei, ao ver no chão da cela,
o botão arrancado na contenda,
os óculos pisados do escritor judeu.

Tenho um coração que estala
com o peteleco das palavras de Clarice.
Numa vila miserável na Bahia,
um negro lindo, lindo,
dança ao som do corisco
- e só me apaixono por casos perdidos,
homens com um quê de irremediável.

Mais de uma vez, imóvel, circunspecta,
vi abrir-se a máquina do mundo
sob a luz inclinada de Ipanema,
na Serra da Bocaina, no meio da floresta,
no alto da escada no topo do morro
por onde a moça sequestrada vinha subindo
debaixo das lágrimas do pai.

Mais de uma vez meu coração trincou feito vidro
diante da página impressa,
e sempre que a palavra justa vem tirar seu mel
de dentro da copa do desespero de amor.
Acredito, do fundo das minhas células,
que uma amizade sincera "é o único modo de sair
da solidão
que um espírito tem no corpo".
Sim, eu acredito no corpo.

Por tudo isso é que eu me perco
em coisas que, nos outros,
são migalhas.
Por isso navego, sóbria, de olho seco,
as madrugadas.
Por isso ando pisando em brasas
até sobre as folhas de relva,
na trilha mais incerta e mais sozinha.

Mas se me perguntarem o que é um poeta
(Eu daria tudo o que era meu por nada),
eu digo.
O poeta é uma deformidade.

CLÁUDIA ROQUETTE-PINTO

CIDADE EM TIJOLOS DE SOMBRA SULFUROSA

Cidade em tijolos de sombra sulfurosa
em línguas de gangrena cabeluda
arte cuspida na luz moída nos murais

Satã, se enfüreça de nossa imensa miséria

Cidade dos labirintos uivantes
delirantes vinhedos abafados
sonâmbulas epidemias & espermas filosofais

Satã, se enfüreça de nossa imensa miséria

Cidade das vísceras radioativas
anjos enrabados nas neblinas
verbo sem alma os sanguinários jornais

Satã, se enfüreça de nossa imensa miséria

Cidade das utopias milenares
pesadelos dos defumados arco-íris
divindades das asfixias mentais

Satã, se enfüreça de nossa imensa miséria

Cidade das lepras de vidro arfante
fobias do mel desconhecido
carvão dos lunáticos hospitais

Satã, se enfüreça de nossa imensa miséria

Cidade das torres e dos gases sepulcrais
esquifes de luz coxa em fumegantes natais
esqueletos floridos nas chamas de arsenais

Baudelaire, prends pitié de notre misère

AFONSO HENRIQUES NETO

FELIZ ANIVERSÁRIO

Quando fevereiro chegar
talvez eu não chore
Estou ficando mais velho
Vou brincar o carnaval
Meus beijos, meus desejos
espalhados pelo chão
As novidades cada vez mais previsíveis
quem sabe alguém pra conversar
Vou soltar os macaquinhos do sótão
Os carros passam rápidos
quando a gente está se divertindo
A Lapa fica tão perto
que estou a fim de me perder
Em fevereiro nada tem nexo
só fazer sexo e ter alguém
pra conversar
Eu quase consigo pensar
Se alguém me procurar talvez me encontre
Em casa, no carro ou no cinema
não faz mesmo diferença
Quando fevereiro chegar
talvez eu tenha alguém pra conversar!

ANDRÉ SHEIK

UMA PONTE, UMA GRANDE PONTE

Hoje houve
um passeio
apinhado de gente
mas
a ilha acabou
e todos
marcharam parados

nas margens nas bordas no limite

apertando os pés
contra a ilha

pra lhes nascerem
asas
ou lama
e areia
virarem chão
batido

e excrescesse

soerguesse
envergasse

por cima da água

aumentasse
e mais
tanto

que a ilha
vendo o chão ir em frente
entre céu e oeste
andasse

fez-se um jardim colorido
pra chamar os marchadores
de volta

eles queriam o continente

serraram os pés de uns tantos

cicatrizava

e a verga tocou o outro lado
nomeou-se ponte
e a marcha atravessou
o mar

HEYK PIMENTA

SÍTIO

O morro está pegando fogo.
O ar incômodo, grosso,
faz do menor movimento um esforço,
como andar sob outra atmosfera,
entre panos úmidos, mudos,
num caldo sujo de claras em neve.
Os carros, no viaduto,
engatam sua centopeia:
olhos acesos, suor de diesel,
ruído motor, desespero surdo.
O sol devia estar se pondo, agora
- mas como confirmar sua trajetória
debaixo desta cúpula de pó,
este céu invertido?
Olhar o mar não traz nenhum consolo
(se ele é um cachorro imenso, trêmulo,
vomitando uma espuma de bile,
e vem acabar de morrer na nossa porta).

Uma penugem antagonista
deitou nas folhas dos crisântemos
e vai escurecendo, dia a dia,
os olhos das margaridas,
o coração das rosas.
De madrugada,
muda na caixa refrigerada,
a carga de agulhas cai queimando
tímpanos, pálpebras:
*O menino brincando na varanda.
Dizem que ele não percebeu.
De que outro modo poderia ainda
ter virado o rosto: - Pai!
acho que um bicho me mordeu! assim
que a bala varou sua cabeça?*

CLÁUDIA ROQUETTE-PINTO

PRENÚNCIOS DE GAIVOTAS

Sou uma alma pequena
pousada na Terra.
Mais precisamente pousada numa pedra
na Urca, esta tarde.
Observo as nuvens, o céu
as gaivotas, o mar.
Tudo passa.
Adiante caminham
no calçamento da encosta da praia
- que brilha num banho de luz e ar -
dezenas de pessoas iguais a mim.
Todas passam, mas não notam
o esplendor da natureza.
Todas passam e percebo que pensam,
e são seus pensamentos que limitam o mar.
Seria a mente o limite do tempo?
Estamos todos vivendo menos,
presos dentro de nós mesmos.
Estamos todos sós
neste planeta azul, sob o sol.
Mas sinto que se der um salto
aprendo a voar.

RENATO REZENDE

TÁ LIGADO

Sentado no som da cigarra na sombra do
flamboyant
Olhando para um buldogue branco criança

Com cara de criança, com língua vermelha e
Arfar infantil começo afinal a entender o
Porquê do desejo de vida dos velhos que temem
Que querem até o final

Posso ter passado do limite que limite
Qual o tamanho do limite ou do
Precipício qual o tempo que tempo
Não existe regra a não ser no espírito
Não existe espírito a não ser na regra
Que cada um cria e cria um limite

Sempre a vontade foi ler escrever e
Sentir cigarras e cachorros algumas
Formigas e sombra do flamboyant
Sempre o desejo de esquecer a cidade
Os cartazes iluminados e as risadas fatais
Demorou, demorou, é custoso entender

GUILHERME ZARVOS

OUTRA CIDADE

era uma cidade
onde poucos
andavam na rua
as autoridades, os jornais
diziam que
era perigoso

nano receptores auriculares
carros inteligentes
óculos de interatividade visual
dispositivos para locomoção
toda espécie de próteses

andar na rua
se expor ao vento,
sol, calor, frio, chuva
doenças contagiosas
radiações, medo,
era coisa de pobres,
loucos, idiotas
ou revolucionários

nessa cidade
um poeta atirou uma pedra
para quebrar uma vitrine

mas era uma cidade inexistente
lá os vidros não quebram

aqui os cacos
ainda estão no chão
quem ali pisou
viu surgir
um corte
uma incisão
de onde saíam
as seguintes palavras:

Em caso de emergência pare o tempo

GAB MARCONDES

UM CONTRAPROGRAMA

1
Esta montanha invade a cidade
e, à sua margem, penso
não no silêncio, na astúcia
e no exílio (que já foram
tentados a contento) mas
do lado de dentro
mesmo que impossível
extraviar-me no alheio

2
O alheio: não o outro
do morro ou o rosto
da rua, mas o que
ainda despercebido pulsa
e sobreviverá ao tempo
porque o fim disto
- desta cidade - não é
o de todas as coisas

SERGIO COHN

VERDE

Se eu morrer amanhã que se salve a poesia ou que me salve a poesia e não estarei morto amanhã. Minha voz e as letras – como é preciso o encaixe das palavras – que dão sentido e, na busca, o encontro do que é estético ético do que é sintonia. Não vaguei neste mundo besta à toa, se bem que é bom vadiar. Vadiiei. Se na volta da mesa toalha de cânhamo e vaso deixei vagar pensamentos e cheiro e sabor: como gosto de você. E procurei ajudar outros vadios, em precisão maior que a minha, pois há retorno na camaradagem. Sou de um grupo de semente vândala, de esparramante coração. Assumido vagabundo. Sinto falta de você. E lá se vão anos e gente de todas as vidas. Ví venderem a peso de ouro copeques sem valor. Fui passado para trás com um sorriso vago. Era vantagem. Vendo o sorriso vago de quem vendia. Não sou vítima. E cada disso com sentido: eu amo ser humano que se aventura... contudo vem agora cansada do vago, ventríloquos, vociferação. Já sinto sono no meio da volta. Este teatro eu vi ontem. E não que valha apenas o versado. Mas vai chegando a velhice e devagar cedo ao vigor do vento. Continuo amando o que é verde... ver-te vou indo ver.

GUILHERME ZARVOS

ANTES DE MERGULHAR

I
olhar
o mar
e não pensar
tudo o que sei
fazer
no rio de janeiro
II
isso quando
você não aparece
rodopiando rodopiando
aparece
entre as espumas
III
estranha eternidade
daquilo que amamos
em ondas

repetimos gestos
de nossos antepassados
sem saber
onde começa onde termina
a verdade o desejo
IV
ouço o balanço
longe daqui
enquanto você rabisca uma ilha
colorida
num amassado pedaço
de papel
V
levante
vá até a janela
antes de mergulhar
mire
a felicidade dos pássaros acima das pedras
nus

RAMÓN MELLO

DA VISÃO

desfazer o puzzle
e encontrar outro dentro:

não me interessa
o que esse pôr do sol
na lagoa me oferta
com seus passantes
o horizonte amplo
e a árvore fincada
em pleno desvão
da pedra da gávea:

as verdadeiras questões
ainda estão para ser inventadas

(mas se o olhar perco
é uma asa de borboleta
pura chama congelada
o sol indo
de encontro
com a água)

SERGIO COHN

A PARTIR DE AGORA

A partir de agora, se eu tiver de pecar, que seja por excesso ou por transbordamento. Das faltas e dos erros, que fique apenas o silêncio sem constrangimento, mas também sem insolências. Talvez eu deixe a barba por fazer, talvez eu não corte mais os cabelos, quem sabe eu ponha um piercing ou faça uma tatuagem na virilha, não sei. Mas quando tiver que pagar o preço devido, o que farei sem cólera e sem receio, que todos me perdoem, os que morrem

e os que vivem, os que ficam e os que passam.

CAIO MEIRA

SONETILHO DE VERÃO

Traído pelas palavras.
O mundo não tem concerto.
Meu coração se agonia.
Minha alma se escalavra.
Meu corpo não liga não.

A ideia resiste ao verso,
o verso recusa a rima,
a rima afronta a razão
e a razão desatina.
Desejo manda lembranças.

O poema não deu certo.
A vida não deu em nada.
Não há deus. Não há esperança.
Amanhã deve dar praia.

PAULO HENRIQUES BRITTO

SUBITAMENTE, ME VEM

Subitamente, me vem ao espírito uma coletânea de excessos cometidos. Por tanto tempo escondidos, quase cheguei a atribuí-los a outra pessoa – talvez eu os tenha redescoberto. Rio, gargalho. Nesse fim de tarde, avanço pela rua com a noite e o inverno, com os porres e os gritos, com as palavras inadequadas e por vezes grosseiras, com todas aquelas desmedidas que dormiam entre os influxos nervosos – a partir de agora,

minhas pequenas glórias.

CAIO MEIRA

O AMOR NA ERA DA MÚSICA ELETRÔNICA

A música eletrônica não acredita em transcendência. Nem em imanência. Ela é a superação da oposição entre imanência e transcendência. Ela não é uma música do século XX. Ela não tem os dilemas do século XX. A música eletrônica é a imanência vivida como a mais radical transcendência. Ou o contrário, pouco importa. E por isso não há nenhum sentido na música eletrônica, nenhuma pergunta sem resposta. A boa nova da música eletrônica é que o sentido acabou, porque, agora, até os ruídos fazem sentido. Ou apenas eles. E até os sentidos fazem ruídos. A música eletrônica não acredita no sentido, nem na significação. Ela faz as palavras soarem como gongos. Daí ela ter essa dimensão de transcendência que pode beirar o místico, mas que é a transcendência de uma imanência. Uma mística do gozo. As palavras soam na música eletrônica. Por isso, *a priori*, não há um lugar para o amor na música eletrônica. Não há nada nela que se dirija ao ser. A música eletrônica é um pacto com o real, com a ausência de promessa do real. A música eletrônica quer saber se o amor pode amar o real. A música eletrônica diz: *slowly baby*, *slowly*. E nunca: *I love you*. E mesmo quando ela fala do amor, e ela o faz, é sempre para falar de doces, pirulitos e bombons. A música eletrônica é uma nova forma de melancolia, mais alegre. Ela é a música do nosso tempo.

CLÁUDIO OLIVEIRA

**PEDAGOGICAL SUPPORT FOR PUBLIC
VIOLENCE**

Metáforas pura de sentido real espriam-se antígonas.
Poema mitológico e escatológico de poesia filosófica.
Sem códigos.
Só arabescos sós.
Lâmina de gramática lâpide.
Cidade violentada de respeito ruim.
Silencia-se sóbria por sobre a mesa, essa cidade
vizinha.

Poesia coloral, calda de chocolate.

Poesia retrato de cidade culpa.

Asfalto ruim.
TV ruim.
Programação ruim.
Protesto ruim.
Greve ruim.

Diretório blasé de estudantes.

Crítica e algum jogo de cintura.
Poema dúbio que choraminga falso.
Queres tu entrar na roleta russa do
descobrimento?

Sêmen da palavra.
Óvulo da gramática.

Torpedo antitético.
Antídoto.
Hieróglifos intransponíveis.

Avanço intrépido na poesia cavalari de doses zil.
A pá da palavra quebra cabeças.

Cachaça.

Av. Rio Branco sem chuva de papel.

Cidade dormindo cedo assustada quando fecha o zíper.

Manchetes.
Manchetes.
Manchetes.
Relógios coreanos.
Relógios coreanos.
Relógios coreanos.

ALEXANDRE SÁ

A vertigem é a memória da gravidade.

BRÍGIDA BALTAR

CRÉDITOS

CURADORIA / CURATORS

Paulo Herkenhoff e/and Clarissa Diniz (MAR)

CONCEPÇÃO / CONCEPTION

Renato Rezende e/and Dirk Vollenbroich

PROJETO DE ILUMINAÇÃO / LIGHTING PROJECT

Tânia Henrique da Costa

DESIGN GRÁFICO / GRAPHIC DESIGN

Rafael Bucker

ASSESSORIA DE IMPRENSA / PRESS LIASION

Júnia Azevedo (E-scrita)

ILUMINAÇÃO / LIGHTS

Júlio Kotona (Artimanha)

VÍDEO / VIDEO

Stefania Fernandes (Suma)

FOTOGRAFIA / PHOTOGRAPHY

Caio Meira

TRADUÇÃO / TRANSLATION

Martin Heuser

REVISÃO / PROOFREADING

Leandro Salgueirinho

PRODUÇÃO / PRODUCTION

Círculo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

REZENDE, RENATO; VOLLENBROICH, DIRK

1ª ED. - RIO DE JANEIRO:

EDITORA CIRCUITO: MUSEU DE ARTE DO RIO, 2015

ISBN 978-85-64022-67-6

1. ARTE-BRASIL – EXPOSIÇÕES

2. ARTE CONTEMPORÂNEA

3. ARTES VISUAIS

15-12795

CDD-709.81

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. ARTE-BRASIL – EXPOSIÇÕES

ESTAMOS

TODOS

SÓS

NESTE

PLANETA

AZUL

SOB

O

SOL

MAS

SINTO

QUE

SE

DER

UM

SALTO

APRENDO

A

VOAR

PARCEIROS DESTA INTERVENÇÃO

Patrocínio:  Produção: 

PARCEIROS DO MUSEU DE ARTE DO RIO - MAR

CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO:  MANTENEDOR:  PATROCÍNIO: 

APOIO:  GESTÃO:  REALIZAÇÃO: 

ISBN 978-85-64022-67-6

